

II Domingo do Tempo Comum

HODIE

Catedral, 20 de Janeiro de 2013

Do milagre ao mistério

1. Este segundo Domingo do Tempo Comum, o segundo depois da solenidade da Epifania, apresenta-se como uma verdadeira epifania de Jesus, manifestando-se como se manifestou aos Magos em Belém e a João Baptista no Jordão, conforme a intenção do Ordenamento das Leituras da Missa no Ano C, «No II Domingo do Tempo Comum, o Evangelho refere-se ainda à manifestação do Senhor, que a solenidade da Epifania celebrou, pela perícopos tradicional das bodas de Caná» (*OLM 105*).

2. O texto bíblico do Evangelho insere-se na semana inaugural da manifestação de Jesus aos discípulos (três dias depois do encontro com Filipe e Natanael «No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galileia» e sete dias a seguir ao primeiro testemunho de João Baptista sobre Jesus, cf. Jo 1,19-51).

O primeiro milagre de Jesus relaciona-se, intimamente, com a sua missão, no qual se testemunha que a glória divina está presente desde o início da vida pública de Jesus, antecipando a manifestação plena. O contexto é o da festa de um casamento em Caná da Galileia, onde estava a Mãe de Jesus, sendo, também, convidados ao banquete de núpcias, Jesus e os seus discípulos.

A certa altura o vinho faltou e Maria disse a Jesus: «não têm vinho» (o termo 'vinho' aparece três vezes no texto, significando um tema importante para o evangelista). Estranhamente, Jesus responde: «Mulher, que temos nós com isso? Ainda não chegou a minha hora» (o título 'Mulher' é repetido na hora da Cruz «Mulher, eis o teu filho!» (Jo 19,26), interpretando teologicamente, Maria, a Esposa do Senhor e Mãe da Igreja).

A resposta de Jesus parecendo estranha, intende dizer que, enquanto Maria pensa no vinho da festa, Jesus pensa na sua missão, agora inaugurada. Por isso, entre eles há uma certa incompreensão. A hora da realização final ainda não chegou, como se desenvolverá no evangelho joanino, ao aproximar-se a hora da paixão e morte na cruz, ponto culminante de todo o seu mistério e ministério pascal. Todavia, Jesus realiza o milagre, transformando a água em vinho, mas o vinho bom que Ele dá é um sinal do vinho messiânico da sua missão. Maria com confiança plena diz, então, aos serventes: «Fazei tudo o que Ele vos disser».

Neste Ano da Fé, ecoam especialmente as palavras da saudação de Isabel, a prima de Nossa Senhora, quando a saudou «Feliz de ti porque acreditaste».

«Fazei o que Ele vos disser»: as últimas palavras de Maria no IV Evangelho, às quais podemos chamar de testamento de Maria. Nos Evangelhos são seis as vezes em que Maria fala, sempre em poucas palavras, excetuando o cântico do Magnificat. Alguns autores dizem até que falou por setes vezes, sendo a sétima palavra, aquela junto à cruz, a mais eloquente, porque brotou do silêncio¹. Agora vejamos como este imperativo mariano nos revela o mistério de Jesus.

Certamente que não se pode excluir um simbolismo eucarístico nesta narração das bodas de Caná, porque pela força da Eucaristia a Igreja experimenta na esperança as alegrias das bodas com Cristo.

A cena seguinte anda à volta das talhas, que se enchem de água (600lt). Estas talhas eram destinadas à purificação dos Judeus. A ineficácia dessa água é trocada pelo vinho novo. Tudo é marcado pelo sinal da novidade. O milagre é em quantidade e qualidade. Esta abundância de água que está para ser transformada em vinho reevoca a linha profética (cf. Am 9,13-14; Os 14,7; Jer 31,12) que fala do vinho da alegria escatológica abundante no copo dos crentes.

Os servos das bodas são chamados diáconos, os amigos de Jesus. Na verdade, Ele próprio disse no mesmo Evangelho. «Vós sereis meus amigos se fizerdes o que vos mando (Jo 15,14).

O mistério de Caná abre a epifania da glória de Cristo e mostra a sua missão, a razão do seu ministério. João oferece a sua interpretação essencial do mistério cristológico, que sob a imagem do casamento, representa a inauguração da Nova e eterna Aliança «Jesus deu início aos seus milagres. Manifestou a sua glória e os discípulos acreditaram n'Ele».

3. A imagem das núpcias foi usada muitos séculos antes de Cristo, um profeta anónimo, que a Escritura conserva inserido na grade tradição de Isaías, falou da salvação de Jerusalém «Não mais te chamarão “Abandonada”, nem à tua terra “Deserta”, mas hão-de chamar-te “Predilecta” e à tua terra “Desposada”, porque serás a predilecta do Senhor e a tua terra terá um esposo...tu serás a alegria do teu Deus». O Senhor é, portanto o esposo do seu povo. No tempo dos Patriarcas, a Aliança era descrita em termos de um pacto entre duas partes, de mútua conveniência e interesse. Posteriormente, os Profetas começam a falar de um pacto, uma relação mais forte, definido com as imagens da aliança matrimonial, cujo fundamento é o amor.

¹ «Sugestivamente os Padres da Igreja, ao contemplarem este mistério [palavra da Cruz], colocam nos lábios da Mãe de Deus esta expressão: “está sem palavras a Palavra do Pai, que fez toda a criatura que fala; sem vida estão os olhos apagados d'Aquele a cuja palavra e aceno se move tudo o que tem vida”. Aqui verdadeiramente comunica-se-nos o amor “maior”, aquele que dá a vida pelos próprios amigos (cf. Jo 15,13)». MÁXIMO, o Confessor, in BENTO XVI, *Verbum Domini* 12.

4. O Salmo responsorial é um convite a cantar, a anunciar a glória e as maravilhas do Senhor no meio de todos os povos. Cantar é próprio de quem ama, «Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor a terra inteira», em ordem à edificação da casa de Deus, como comenta santo Agostinho «Se toda a terra canta um cântico novo, a casa se edifica enquanto se canta. O próprio cantar é um modo de edificar, mas se não se canta um cântico velho. Os desejos da carne cantam o cântico velho; o novo é cantado pela caridade que vem de Deus».

5. A Igreja, gerada pelo Espírito, é uma comunidade unida na diversidade dos membros e das funções, em vista do bem comum. O conceito paulino de comunidade funda-se na metáfora simples quanto eficaz do corpo humano. Sucessivamente, Paulo transforma-lhe o significado para falar do corpo de Cristo. O bom uso dos dons do Espírito concedidos à comunidade são para o bem de toda a comunidade e não podem ser ocasião de rivalidade, porque o caminho dos dons espirituais é a caridade.

6. A Coleta deste domingo, uma simples e bela oração de intercessão que suplica a Deus a dom da paz para o nosso tempo, «concedei a paz aos nossos dias», seja um apelo a cada um, a fim de renovar o seu desejo de paz e de unidade, da sua realização no interior da realização da inteira comunidade dos homens.

Para muitos, o que aconteceu em Caná da Galileia é um milagre, para nós os crentes é o mistério. Ao compreendermos Deus como mistério, excluí qualquer redução a um ídolo para interesses meramente humanos.

+ José Cordeiro